

# lar, sangrento lar

jeneva rose

Tradução de Sónia Maia



*À minha família.*

*Nunca tiveram de esconder um corpo, mas sei que o fariam,  
se fosse preciso. O certo é que o pai nos fez assentar bastante cimento,  
portanto quem sabe o que está lá debaixo?*



## PRÓLOGO

**N**ada une mais as pessoas do que a morte. É como o som de um assobio agudo para um cão que se afastou do dono. Quando o ouve, vem sempre. A morte lembra-nos que a vida não é infinita e que, um dia, também a nossa hora chegará. Paramos para ouvir esse lembrete, para o reconhecer, para lhe mostrar o respeito que merece, e depois espalhamo-nos pelo mundo como sementes de um dente-de-leão moribundo, aguardando que ela nos volte a chamar, na esperança de que a próxima chamada seja para nos reunirmos, e não para se reunirem à nossa volta.

*Truz, truz.*

Não se preocupe. Não é para si... ainda.



# BETH

**H**oje, a chuva cai de uma maneira diferente, não suave, não forte, não inclinada, apenas diferente. Como se estivesse a preparar a última morada da minha mãe, saturando o solo onde, em breve, ela jazerá. A enfermeira do centro de cuidados paliativos disse que ela morrerá ao fim do dia. É estranho. Há pessoas que são apanhadas de surpresa, outras têm uma contagem decrescente, e não sei o que será pior.

Olho pela janela da cozinha, que dá para dois hectares de terreno, uma mistura de árvores, colinas, terra plana relvada e um riacho que atravessa tudo isso. Os meus pais compraram a terra a um agricultor no final dos anos 70 e, pouco depois, construíram aqui uma casa. Era o seu pequeno pedaço de paraíso — até deixar de o ser.

O meu telefone vibra. Uma mensagem do meu irmão. O seu voo aterrou, e ele estará em casa em menos de uma hora. *Em casa?* Deixou de nos visitar há sete anos, quando o nosso pai desapareceu. Por isso, não diria que a nossa pequena cidade no Wisconsin é a casa dele. Só 174 pessoas podem dar-lhe esse nome, mas não ele. A maioria das pessoas que partem de Grove não volta. E as que voltam, nunca é porque o queiram. Nesse sentido, é uma espécie de cemitério.

Passo à mensagem que enviei à minha irmã, há horas. Não foi lida. Provavelmente, ela está estendida nalgum motel, com uma agulha enfiada entre os dedos dos pés, porque as suas veias colapsaram muito antes de ela ter conseguido alcançar aquela pedrada que passou a vida a perseguir. Solto um

suspiro profundo ao pensar na minha irmã. O vício é esgotante, tanto para os utilizadores como para as pessoas que eles usam.

Tiro um pão branco do armário e espalho uma quantidade generosa de maionese em duas fatias. Junto ao lava-louça, encontra-se uma taça de tomates coração-de-boi, redondos e macios, apanhados no jardim. Coloco o mais maduro sobre a tábua de cortar já gasta. O sumo do tomate escorre quando o corto com a faca. Nem sei bem porque estou a fazer uma sanduíche de tomate e maionese para a mãe. Ela não come nada há dias, mas diz que é o seu prato favorito. Cresceu muito pobre, por isso os seus favoritos são-no porque nunca conheceu nada melhor. Sempre quis fazer mais por ela, mostrar-lhe o mundo para além de Grove — mas também nunca saí daqui.

— Elisa... beth — chama a minha mãe, baixinho, da sala. Diz o meu nome da mesma forma que come os seus doces Werther's: lenta e convictamente. Como se estivesse a saboreá-lo. Deixo descair os ombros, assumindo a postura típica dos derrotados. Sei que nunca mais a ouvirei dizê-lo — o meu nome, que me foi dado por ela. Quem me dera poder estender a mão e agarrar aquele som, guardá-lo num lugar seguro, como uma espécie de relíquia de família. Mas pertence a este momento. Tal como ela, é algo que não posso guardar para sempre. Inspiro fundo e largo a faca, que cai sobre a tábua de cortar com um baque surdo. Está na hora de me despedir dela.

Segundo o relógio de parede, passa pouco das 20 horas. O mais certo é os meus irmãos não chegarem a tempo. Mas a verdade é que tiveram todo o tempo do mundo para estar aqui com ela, e optaram por não o fazer. Por isso, talvez não o mereçam. *A morte não espera por ninguém.*

— Vou já, mãe. — Obrigo-me a levantar um pouco os cantos da boca antes de sair da cozinha. Tudo o que ela sempre quis foi ver os filhos felizes; posso dar-lhe esse prazer, mesmo que não seja verdade.

A sala foi transformada no seu quarto há três meses. Foi ela que assim quis, para poder olhar pela enorme janela de sacada e ver o pôr do sol. A mãe trabalhou no turno da tarde durante quase toda a vida, por isso dizia que era a única coisa que sentia ter perdido.

Há uma televisão ao canto, sem som, onde passa o anúncio de um *stand* de automóveis. A maior parte dos pertences da mãe são de padrão floral: o cobertor que a tapa, o sofá encostado à parede do fundo e as almofadas decorativas pousadas em cada ponta deste. Há até quadros de flores emoldurados, pendurados por cima da sua cama articulada. Ela disse-me que as flores lhe lembravam a vida — belas, delicadas e efémeras.

A sua cama tem as costas levantadas, e ela olha pela janela.

— Olá, mãe — digo. A minha voz é quase um grasnido, mas engulo a

tristeza. Deixarei essa barragem rebentar mais tarde, mas não agora, não em frente dela.

Ela ergue a mão trémula poucos centímetros acima do colo e deixa-a cair de novo. Não tem forças para o dizer, mas consigo ouvir-lhe as palavras: *Vem ver o pôr do sol, Beth.*

— OK, mãe.

Sento-me na cadeira ao lado da sua cama. Está moldada às minhas costas, de todas as horas que passei ali sentada nos últimos meses. Ela piorou muito há sete semanas, por isso meti licença de assistência à família no meu emprego no armazém, para tratar dela 24 horas por dia. A mãe poderia ter vivido mais tempo, mas é uma mulher teimosa que vai ao médico aproximadamente com a mesma frequência com que se renova a carta. Quando detetaram o cancro, já estava muito avançado, tendo-se espalhado para o fígado e para a corrente sanguínea.

Ela remexe os dedos finos e eu pego neles, segurando-lhe a mão com cuidado. A chuva parou por algum tempo. As nuvens afastaram-se e o céu adquiriu um tom azul perfeito, com laivos de rosa e laranja causados pelo sol poente.

— É lindo, mãe — digo, deitando-lhe um olhar.

A sua pele acinzentada é como a casca de uma árvore, com rugas profundas que denunciam uma vida de stresse e dor. Mas ela assume-as. Sempre o fez, dizendo, orgulhosamente: «Quanto mais enrugada é a pele, mais dura foi a vida.» Para ela, é uma medalha de mérito, uma prova das dificuldades que enfrentou.

O seu peito mal se move. Observo-a atentamente, para me certificar de que ainda respira. Ela mantém os olhos fixos no pôr do sol, e ouço o que me disse há uma semana, quando ainda conseguia articular mais do que uma palavra ou duas:

*Não há muitas coisas com que se possa contar na vida, mas esta... é uma delas. O sol nasce e põe-se — aconteça o que acontecer. Não importa que estejamos doentes ou tristes. Não importa que haja guerra ou paz. Não importa que vejamos ou não. Este sol. Podemos contar com ele.*

Mesmo quase a morrer, ainda tenta ensinar-me, guiar-me, mostrar-me o seu amor à sua maneira — através de lições e de palavras sábias. Aperto-lhe a mão suavemente, para que ela saiba que ainda aqui estou. Aquela pressão leve parece propagar-se-lhe pelo corpo, comprimindo-lhe o ar nos pulmões. Ela começa a silvar. Mergulho uma esponja num copo de água e espremo o líquido para a sua boca parcialmente aberta. A mãe não tira os olhos do sol. Toco-lhe nos lábios gretados com a esponja húmida e volto a sentar-me, enquanto ela recupera o pouco fôlego que lhe resta.

Quando o sol desce, finalmente, abaixo do horizonte, ela estica o pescoço para mim. Sorrio-lhe, mas ela não retribui o sorriso. Sei que a morte está próxima, porque até a sua presença está mais apagada.

— Olá, mãe — digo. Estou a tentar dizer «mãe» o máximo de vezes possível, porque sei que não voltarei a chamar ninguém assim. É um termo reservado só para ela. Não há substitutos. A garganta aperta-se-me, e sinto a respiração prender-se-me, como se fosse soltar um daqueles gritos que vêm do mais profundo do ser, que magoam, que não é possível deter, que fazem cada centímetro do corpo tremer e oscilar. Estendo a mão para a dela e pego-lhe outra vez. Está fria, e sei o que isso significa.

Ela olha para mim, ou talvez para um ponto acima de mim, não sei bem. Há confusão no seu olhar. Sabia que a morte vinha aí, mas, ainda assim, a sua chegada é sempre surpreendente. É como quando estamos numa longa fila à espera que o nosso número seja chamado, pensando que esse momento nunca chegará — mas chega, e chegou. Ela tenta rodar o corpo para mim, mas está demasiado fraca, por isso inclino-me mais para ela. Com apenas 30 centímetros entre nós, reparo que a sua respiração passa de lenta e superficial para rápida. Está quase, e há tantas coisas que quero dizer-lhe. Mas sei que levaria uma vida inteira a dizê-las todas, por isso tento expressar o que posso.

— Amo-a, mãe. Obrigada por me ter tido, por me ter criado, por me amar, por ser como o sol... a única coisa com que sempre pude contar. — A voz treme-me. Não era nada disto que queria dizer. O rosto franze-se-me e fica instantaneamente molhado, pois a barragem abre-se de repente. Os olhos dela tremeluzem, de compreensão ou algo parecido.

— O teu pai... — arqueja ela.

Inclino-me um pouco mais.

— O quê, mãe? O que tem o pai?

— Ele não... — Ela tenta inspirar mais ar, para conseguir proferir as palavras... palavras que devem ter vivido dentro dela. Estariam emaranhadas no cancro e será por isso que só consegue dizê-las agora? — Des... apareceu — gagueja.

Pestanejo rapidamente, como se estivesse a tentar acordar de um pesadelo.

— Mãe, o que está a tentar dizer? Se não desapareceu, onde está ele? — A minha voz está áspera. Não entendo nada.

— Não — diz ela. Os olhos fecham-se-lhe por um momento, e penso que se foi. Mas voltam a abrir-se tão depressa como se fecharam. — Confies — articula.

— Mãe! Não percebo. Onde está o pai? — grito.

Ela expira, tentando terminar as suas últimas palavras, mas não lhe sai mais nada, exceto o último suspiro. A sua mão fria fica inerte na minha. É verdade o que se diz sobre a luz se apagar quando a pessoa morre. Os seus olhos ficam imóveis e escuros. A boca, parcialmente aberta.

Foi-se.

Foi-se.

Deixo escapar um soluço de dor quando as suas últimas palavras se juntam na minha mente.

*O teu pai. Não desapareceu. Não confies...*

# MICHAEL

**S**empre soube que a única coisa que me traria de volta a casa seria a morte. Só não sabia de quem seria. Estou fora há sete anos, e hoje recebi a chamada. *A mãe está a morrer. Devias vir para casa.* Por isso, apanhei o primeiro voo de San Jose para o Wisconsin, porque, quando a morte chama, responde-se.

O motor do meu carro alugado ronrona baixinho enquanto eu acelero pela autoestrada X, uma das duas únicas estradas que ligam Allen's Grove ao resto do mundo. Um arco-íris colorido aparece no céu, mas, a julgar pelas nuvens negras que se aproximam, vindas de oeste, não durará muito. Abrando e ligo o pisca esquerdo. Não há carros na estrada a quem fazer sinal, mas faço-o na mesma, por hábito. Grove ainda tem o mesmo aspeto que pensei que teria. As cidades pequenas não evoluem. Não crescem. Não mudam. São o que sempre foram.

Passo pelo parque, que se encontra no centro da comunidade que não está integrada em nenhum município. Há grandes nogueiras e áceres aqui e ali. São as únicas coisas que crescem neste lugar. Lá estão o mesmo escorrega, os mesmos baloiços e as mesmas mesas de piquenique — apenas mais ferrugentos e desgastados. Casas do tipo rancho com jardins de dimensões consideráveis rodeiam o parque, e estou certo de que, em cada uma delas, ainda vivem pessoas das mesmas famílias.

Viro à direita na Hustis Street. É um beco sem saída, mas foi na última casa à esquerda que cresci. Já pensei algumas vezes que a nossa rua ser um

impasse é quase um presságio para as pessoas que aqui ficaram. Não queria voltar, mas não posso confiar nas minhas irmãs para tratarem bem da propriedade. Têm inúmeros problemas individuais por resolver — Nikki, o vício da droga, Beth, o vício da mediocridade. Como posso esperar que tomem conta disto?

Não tenho nada contra as minhas irmãs, mas sei que elas me têm rancor. Cresci mais do que elas. Saí daqui. Descobri um mundo fora deste terrário, e elas detestam-me por isso. Mas também não as censuro por sentirem inveja. Quando se brilha mais do que o sol, é difícil aos outros olhar-nos, portanto têm duas hipóteses: olhar e ficar cegos de ressentimento, ou desviar o olhar. É óbvio que escolhem a última. Tiveram pouco ou nenhum contacto comigo nos últimos sete anos. Julgo que, se estivesse no lugar delas, agiria da mesma forma. Sou um lembrete do que a vida poderia ter sido se as coisas lhes tivessem corrido de outra forma. Ninguém quer esse tipo de lembrete.

Entro devagar no longo caminho de acesso cimentado. Faz uma curva no cimo, atravessando um pátio irregular que, noutra vida, foi uma pastagem para vacas. A casa fica no final do caminho, no cimo da colina mais alta de Allen's Grove. Dantes, eu achava que a nossa localização era especial, mas não é. É como dizer que sou o mais bem-sucedido de todos os que já viveram nesta cidade. Um gigante comparado com formigas. Estaciono em frente da garagem para três carros. As paredes da grande casa do tipo rancho são azul-claras, mas não tão brilhantes e limpas como quando o meu pai cuidava delas. Todas as primaveras, ele lavava à pressão o caminho de acesso, o alpendre, o *deck* das traseiras e as paredes. Orgulhava-se desta casa, mas o orgulho acabou por destruí-lo, como faz a muitos homens.

Tiro um saco do banco de trás e saio do carro. Não tenciono ficar muito tempo, apenas o necessário. Um cheiro doce e pungente paira no ar, provavelmente devido à chuva e à tempestade iminente. O vento assobia ao ganhar velocidade. Os pássaros piam e cantam nas árvores espalhadas pelo terreno. Ao chegar à porta da frente, reparo que a tinta vermelha está lascada e desbotada, mais uma coisa que não foi tratada, o que me lembra porque estou aqui. Penso em bater, e talvez devesse. Não vejo este lugar como a minha casa. Mas também não me parece certo anunciar a minha presença, como se fosse uma visita. Pego na maçaneta fria e expiro profundamente, preparando-me para entrar num mundo a que nunca quis voltar.

**BETH**

**N**ão me mexi da cadeira. A mãe morreu há 20 minutos. Talvez apenas há dois. O tempo para quando a morte chega. Estou em choque, não só por a perder, mas também por ter ouvido aquelas últimas palavras. O que significariam? O que estaria ela a tentar dizer-me, e porque terá esperado até ao fim para o dizer? *Porquê?* Os meus olhos saltam dela para o turbilhão de cores no ecrã da televisão, ao canto da divisão. É uma reposição da *Roda da Sorte*, ainda sem som. São exibidas três letras, e a frase é composta por duas palavras. A categoria é *Coisa*. A mãe já teria encontrado a solução. Adorava quebra-cabeças.

*O teu pai. Não desapareceu. Não confies...*

*Não confio em quem ou em quê?* Ou queria ela dizer «Não confies» em geral... em ninguém? Volto novamente os olhos para ela. Está a olhar-me, ou, pelo menos, parece. O seu maxilar está frouxo; a boca aberta, como se fosse dizer alguma coisa. Mas sei que não vai. Porque partiu. E eu fiquei aqui com um corpo e um enigma.

*Ele não desapareceu.* Mas desapareceu, há sete anos, deixando para trás um bilhete escrito à mão, dirigido à minha mãe. Estavam casados há 37 anos e, quando ele partiu, apenas lhe deixou cinco palavras de despedida: *Laura, desculpa. Com amor, Brian.*

A sua carrinha foi detetada pela câmara de vigilância de uma estação de serviço, 11 quilómetros a sul da nossa casa, e depois mais uma vez, numa portagem na fronteira com o Illinois, após o que nunca mais foi vista.

Desvaneceu-se no ar, como uma poça de água que se evapora num dia quente. Nenhum de nós o previu. Bem, exceto a mãe. Ela disse que havia problemas entre eles e que o pai andava a lutar intermitentemente com a depressão há muitos anos. Para mim, foi uma surpresa, porque eles nunca discutiam, e eu nem sabia que o pai era infeliz. A mãe disse-nos que tentara arranjar-lhe ajuda, mas ele recusara, dizendo-lhe que estava ótimo. A polícia investigou o seu desaparecimento por pouco tempo. Ao princípio, concentraram-se na mãe, pensando que ela tivesse alguma coisa a ver com o assunto. É sempre o cônjuge, ou, pelo menos, quase sempre. Essa teoria foi posta de lado quando, duas semanas depois, a carrinha dele foi encontrada abandonada na cidade de Mcallen, no Texas — a 18 quilómetros da fronteira com o México. Depois disso, as autoridades mantiveram a investigação aberta, mas ninguém continuou, realmente, à procura dele.

— Onde está ele, mãe? Onde está o pai? — grito, desejando que ela acordasse para me responder só mais uma vez.

A porta da frente range e abre-se, deixando o ar viciado sair para o exterior. Cubro rapidamente a mãe com um cobertor, limpo os olhos e ponho-me de pé.

— Olá — chama Michael.

Não ouço a sua voz há anos, há sete para ser precisa, mas está igual — profunda, com um tom confiante. Viro-me e vejo-o de pé à entrada da sala, de calças de caqui e *T-shirt* cinzenta. Quase parece, também, igual. Tem o cabelo escuro cortado curto e, agora, salpicado de branco. Os seus ombros estão mais largos, como se fosse regularmente ao ginásio. Está bronzeado, porque o sol brilha mais e durante mais tempo na Califórnia. Vê-se-lhe uma cicatriz fina com poucos centímetros de comprimento ao longo da face direita, que não reconheço. É nova, e, provavelmente, resulta de algum ato estúpido. Embora Michael tenha quase 36 anos, pouco menos do que eu, e seja muito mais alto do que eu, continuo a vê-lo como o irmão mais novo irritante.

— Olá, Beth — diz ele.

— Olá, Michael.

Nenhum de nós diz nada por um momento. Ficamos ali de pé, a mundos de distância, olhando um para o outro. Ele é da minha família, mas também é um estranho. Um estranho familiar, que coisa peculiar para se ser.

— A mãe está...? — engole em seco, incapaz de acabar a pergunta, mas sei o que ele quer dizer. Olha por cima do meu ombro, tentando conseguir um vislumbre, mas ela está escondida por baixo das cobertas, fora do seu campo de visão.

Assinto.

— Sim.

Ele esfrega a testa e expira bruscamente.

— Há quanto tempo?

— Não muito. — A minha resposta é vaga porque perdi a noção do tempo. Michael abana a cabeça e baixa os olhos para os sapatos. — O maldito avião ficou parado meia hora na pista depois de aterrarmos. Podia ter chegado a tempo.

Não tenho a certeza se está à procura de conforto, mas não lho posso dar, por isso não digo nada. Tal como o pai, ele optou por se manter afastado.

Michael ergue a cabeça, e os seus olhos encontram os meus.

— Ela disse alguma coisa antes de morrer?

Mordo o lábio inferior e pondero se deverei revelar-lhe as últimas palavras da mãe. Mas aquela mensagem era para mim, não para ele. E nem sei bem o que significa... pelo menos, por enquanto.

— Não, ela não conseguia falar — digo.

Ele comprime os lábios e assente, franzindo os olhos como se não acreditasse em mim. Não o censuro. Não sou boa a mentir, e ele não é particularmente crédulo.

— Onde está a Nicole?

Encolho os ombros.

— Sabes tanto como eu.

— Está a consumir outra vez?

— Nunca parou.

Ele abana a cabeça.

— Meu Deus, tanto potencial desperdiçado.

Estou certa de que está a referir-se também a mim. A dada altura, todos nós tínhamos coisas a nosso favor, como locomotivas sobre carris sem fim à vista. Mas o meu comboio parou, o de Nicole descarrilou e o de Michael... bem, o dele foi em frente a todo o vapor. E não posso deixar de lhe ter algum rancor por isso. Durante anos, ele foi-me indiferente. Era fácil ser indiferente quando ele não estava aqui, mas, agora que está, sinto algo distinto. Há uma raiva a ferver dentro de mim, e tenho a certeza de que sempre cá esteve — a ferver, à espera de transbordar.

— Quando falaste com ela pela última vez? — pergunto.

Ele esfrega o queixo, como que a ponderar a resposta.

— Mandei-lhe uma mensagem nos anos.

— Uma mensagem inteira?

Michael franze o sobrolho. Não está habituado a ser desafiado. E talvez não seja a altura certa, mas não me importo. Mesmo que esta casa desabasse e fosse engolida pela terra, acho que não gritaria sequer.

— Mereço isso — diz ele, assentindo com a cabeça.

A sua resposta desilude-me. Queria uma discussão, alguém para culpar, alguém com quem me zangar. Mas o irmãozinho está mais maduro do que eu. Talvez só se possa crescer até um certo ponto quando se está preso no mesmo sítio — como uma planta de interior que nunca foi mudada de vaso.

Arrasto os pés, olhando para o soalho de madeira arranhado e gasto. Devia pedir desculpa, mas não estou arrependida.

Ele olha à minha volta.

— Posso ver a mãe? — pergunta.

Afasto-me para o lado e destapo-lhe o rosto, para que Michael possa vê-la. Mas não é a mãe. É só um corpo. Se fosse a mãe, estaria a sorrir, mas o seu maxilar está flácido. Os seus olhos estariam brilhantes e animados, mas estão turvos e imóveis. Não parece descansar em paz.

A garganta aperta-se-me, e engulo em seco. Sou a mais velha. Deveria ser a mais forte.

— Queres um minuto?

Vejo os olhos dele recaírem sobre ela, mas o seu rosto está inexpressivo. Pergunto-me se também estará a tentar ser forte. Mas a verdade é que ele nunca foi de chorar. Nenhum de nós o era. O pai educou-nos para sermos fortes e estoicos. Lembro-me das suas palavras: *Se puderem controlar as vossas emoções, poderão controlar tudo*. Fazia com que parecesse uma espécie de superpoder. Mas, na verdade, era apenas um péssimo mecanismo de enfrentamento — que nos deixou impreparados quando ele desapareceu.

Os passos de Michael são lentos e cautelosos ao aproximar-se de mim. Não sei o que fazer nem como agir. Quando ele estende a mão, quase me retraio. Ele pousa-a no meu ombro e olha-me nos olhos.

— Lamento não ter estado aqui, Beth.

Devolvo-lhe o olhar, mastigando várias frases antes de, por fim, cuspir uma.

— Também lamento que não estivesses — digo, afastando-me dele. A sua mão escorrega-me do ombro, voltando a pender ao lado do corpo. Costuma dizer-se que há relações que se podem interromper e retomar, pois, mesmo que tenha passado muito tempo, se recomeça onde se parou; pois bem, esta não é uma delas.

— Estarei na cozinha. Vou tentar contactar a Marissa para lhe dizer o que aconteceu — acrescento.

Michael limita-se a assentir. Não me pergunta pela minha filha, a sua única sobrinha. Em vez disso, vira-me as costas e senta-se ao lado da cama. Inclinando-se para a frente, apoia os cotovelos no colchão. A pequena mão da

mãe desaparece na sua enquanto ele baixa a cabeça e enterra o rosto no que restou dela. Há murmúrios em surdina, mas não consigo perceber o que diz. É como se fosse criança outra vez, pedindo perdão por ter feito alguma coisa errada — mas a mãe já se foi, e não pode perdoá-lo... já não pode perdoar nenhum de nós.